



A EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA PÚBLICA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS/AL: Análise de um percurso

Josefa Adriana Cavalcante Ferro de Souza¹
Maria Luiza Maciel Ferreira²

Eixo Temático: Educação, Sociedade e Práticas Educativas

RESUMO

Este artigo apresenta o contexto histórico-político da chegada da primeira escola secundária pública estadual em Palmeira dos Índios/AL. Os jovens de situação econômica privilegiada da época analisada eram atendidos pelas escolas confessionais particulares e os estudantes das camadas menos privilegiadas interrompiam seus estudos depois do antigo Curso Primário, o primeiro colégio estadual veio para a cidade por meios marcadamente patrimonialistas. Examinando a trajetória e destaque dessa escola no contexto de todo o Estado durante o período da década de 1960, procuramos entender qual a mola propulsora atribuída ao seu propalado crescimento, bem como os fatores fundamentais que presidiram a política educacional local e a qualidade atribuída ao Colégio Estadual Humberto Mendes naquele período.

Palavras-Chave: Palmeira dos Índios, Política educacional, Colégio Estadual Humberto Mendes.

ABSTRACT

This article presents the historical and political context of the arrival of the first state public high school in Palmeira dos Índios / AL. Young people from privileged economic situation of the era analyzed were served by private and religious school students from less privileged interrupted his studies after the former Primary Course, the first state college came to the city by means patrimonial markedly. Examining the history of the school and highlighted in the context of the entire state during the 1960s, which seek to understand the driving force assigned to his vaunted growth as well as the fundamental factors that presided over the local

¹ Mestra em Educação Brasileira pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) é professora efetiva da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL) do curso de Geografia e do Centro Educacional Cristo Redentor – Educação Básica – dica333@hotmail.com.

² Mestranda em Educação pela Universidade Autônoma de Assunção (UAA) é professora substituta da Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL do curso de Letras e do Centro Educacional Cristo Redentor – Educação Básica – mluizamf@hotmail.com

educational policy and quality attributed to State College Humberto Mendes in that period.

Keywords: Palmeira dos Índios, Educational Policy, State College Humberto Mendes.

INTRODUÇÃO

O caminho educacional traçado, até a década de 1940, pela sociedade de Palmeira dos Índios/AL foi, em síntese, a história da demanda de uma sociedade por escola e a resposta dos poderes públicos e da sociedade a esses reclamos³. Assim, nem mesmo as duas grandes escolas que ofereciam estudos para além das antigas quatro primeiras séries do chamado Curso Primário - Colégio Cristo Redentor e Colégio Pio XII - que chegaram à cidade naquela década, supririam as necessidades da população porque tratavam de escolas particulares, cujo acesso tinha que se pagar mensalidade.

A sociedade civil organizada – sobretudo por meio das forças populares – continuaria, pois, reivindicando então mais fortemente uma escola pública com outros níveis de ensino para além do primário. Desse modo, a luta por uma escola estadual para ministrar o curso Ginásial, Normal e Secundário acirrar-se-ia nos anos de 1950, pois a luta travada desde o início da década de 1940 resultara na vitória da Igreja Católica.

CONTEXTO HISTÓRICO

O cenário político da cidade, sempre permeado por interesses pessoais, com políticos locais extravasando suas rivalidades desde a Colônia e, com mais força ainda na república dos Coronéis, teve papel importante frente à demanda educacional a que nos referimos. Para caracterizar essa situação, nada melhor do que a pesquisa de Melo (2001), que estudou este trajeto histórico até os anos de 1980 e que nos serviu de apoio. Assim, um pouco do cenário histórico da época fará entender o período da criação do Colégio Estadual Humberto Mendes.

³ Para maiores detalhes sobre o tema ver “A Trajetória da Educação Escolar em Palmeira dos Índios (Al), ontem e hoje”, estudo defendido como dissertação de mestrado no PPGE/CEDU/UFAL, por Josefa Adriana Cavalcante Ferro de Souza.

O resultado das eleições de 1955, como nos conta Melo (2001), tinha levado à chefia do Executivo Estadual de Alagoas, Sebastião Marinho Muniz Falcão⁴, do partido oposicionista à União Democrática Nacional - UDN⁵ - que era relevante no Estado, e por expressão de forças economicamente fortes no qual buscava mesmo com a derrota eleitoral, manter-se dominante para o que iria insistir num movimento de confronto permanente, cujo objetivo era desestabilizar e, se possível tirar do poder o governador de Alagoas eleito pela maioria da população, não importando o modo e o preço a ser pago.

Muniz Falcão, ligado às forças mais populares nas quais fizera sua base política como Delegado Federal do Trabalho, tinha dentre as prioridades de seu governo, a educação e a saúde que representavam políticas indispensáveis à sua legitimidade e, conseqüentemente, à governabilidade. Assim, logo que possível depois de sua posse apresentou ao Legislativo Estadual um projeto de Lei que determinava que os usineiros destinassem 0,05% para ser investido na educação e na saúde dos alagoanos. A revolta dos usineiros e fornecedores de cana insuflada pelos derrotados da UDN, logo ampliaria a fúria dos oposicionistas contra o governo estadual.

O conflito tomaria uma amplitude incomensurável com o assassinato do deputado da oposição por Arapiraca - Marques da Silva - fato que conduziu por caminhos tortuosos a política do Estado, sendo levada para votação na Assembleia Legislativa, em 1957, uma proposta de *Impeachment* do Governador. Isso somente não se consumou porque, tendo ocorrido um confronto armado, no plenário da Assembleia entre representantes da oposição e do governo por ocasião da votação do *Impeachment*, a disputa foi parar no Supremo que deu ganho de causa ao Governador. Nesse confronto armado, porém, foi assassinado o deputado Humberto Mendes⁶, representante de Palmeira dos Índios e sogro de Muniz Falcão.

Enquanto isso, Palmeira dos Índios elegeria para deputado estadual Mendes de Barros e Remy Tenório Maia, este então prefeito da cidade. Com sua saída para a Assembleia Legislativa e o cargo vacante foi necessário buscar um substituto. O então governador com acordos políticos conseguiu entregar o poder da cidade à família Mendes da qual passara a fazer parte com seu casamento com Alba Mendes, filha de Humberto. Eleito Robson Tavares

⁴ Muniz Falcão, como sempre foi mais conhecido e consagrado nas urnas, assumiu o Governo de Alagoas em 31 de janeiro de 1956, para um mandato que seria concluído em 31 de janeiro de 1961.

⁵ A UDN – União Democrática Nacional – representava, em Alagoas, as forças politicamente mais conservadoras.

⁶ Humberto Mendes, com a subida de Muniz Falcão ao poder, tornar-se-ia uma liderança política estadual de grande expressão. Este palmeirense, que integrava o grupo emergente dos novos senhores políticos alagoanos – dos “neocoronéis”, conforme Tenório (2007) -, ainda mais acirraria com sua subida ao poder, a reação dos senhores cujo poder político e social vinha de longe.

Mendes, cunhado do Governador, para Prefeito de Palmeira dos Índios⁷, em troca a comunidade local teria o tão desejado colégio estadual, que era o elemento central do acordo.

De fato, com Robson Mendes cunhado do governador, na prefeitura de Palmeira dos Índios teve impulso a iniciativa de criar na cidade um Colégio Estadual que atenderia grande parte dos palmeirenses e dos moradores das circunvizinhas menos privilegiados economicamente e financeiramente. Para as escolas particulares – que tiveram papel fundamental na educação da sociedade palmeirense até então – a criação do novo colégio representava um grande prejuízo, pois tiraria seus alunos e suas alunas dando-lhe assim sérios problemas de manutenção, além da quebra de hegemonia que exerciam.

Do sonho a realidade – os primeiros anos bem sucedidos de uma trajetória

Mesmo com todo o grupo oposicionista à ideia da construção do novo colégio estadual na cidade, o governador de imediato determinou o início da sua construção que se deu ainda em abril de 1959, vindo a ser concluído o prédio num tempo recorde em dezembro do mesmo ano. Em 19 de fevereiro de 1960, a comunidade palmeirense veria assim funcionando a escola que seria o primeiro estabelecimento secundário público e gratuito da cidade e um dentre cerca de meia dúzia a funcionar em Alagoas - com o nome de Colégio Estadual Humberto Mendes, numa homenagem do genro ao seu sogro assassinado na Assembleia Legislativa, em 1957, em defesa do mandato do Governador (MELO, 2001).

É neste contexto político e histórico que ocorre a criação do Colégio Estadual Humberto Mendes, cuja trajetória pedagógica inicial procuramos aqui sumariamente apresentar, lançando mão para tal de depoimentos orais, entrevistas com diretores dos anos de 1960, alunos deste período e professores, examinando, sobretudo as representações pedagógicas que ainda circulam no senso comum como sendo a educação de qualidade que teria sido ministrada pelo colégio na sua primeira década de existência.

O Colégio Estadual Humberto Mendes ao ser criado, em 1960, contava apenas com duas turmas do curso Ginásial⁸. Os candidatos a estudantes para ingressarem na escola, nesta

⁷ Robson Mendes, filho de Humberto Mendes e cunhado do governador, em 1959, seria eleito indiretamente prefeito de Palmeira dos Índios, pela Câmara Municipal. Com o poder em suas mãos, administrou a cidade num permanente confronto com seus opositores. Devido à violência que passou a dominar as relações na cidade, a elite foi buscar apoio nas camadas populares, que, na falta do patriarca dos Mendes e frente à violência dos filhos agora chefiados por Robson, aos poucos foi retirando seu apoio político à família (MELO, 2001).

⁸ Falamos dos anos de 1960, em que o curso ginásial correspondia ao segundo ciclo do hoje Ensino Fundamental, para cujo acesso era necessário um teste, que perdurou até 1971. A cidade, naqueles tempos, tinha

época, tinham que fazer o Exame de Admissão, um tipo de minivestibular para todos os que pretendiam avançar para além do Curso Primário. Desta forma, fazia-se uma seleção que neste caso era muito concorrida, pois a maioria dos jovens queria estudar neste colégio e não havia vagas suficientes.

De qualquer modo, se era negativa a eliminação via Admissão da maioria dos estudantes que concluíam o Curso Primário, esta forma de ingresso no Ginásio aumentava a dedicação de professores e alunos nos estudos da 3ª e 4ª série - que antecederiam o tal exame - pois era motivo de muito orgulho para professores e familiares a aprovação no teste de Admissão.

A respeito disso, a ex-professora do Colégio Pio XII, Maidê Brandão⁹, enfatiza:

Naquele tempo, o 4º ano Primário era intensivo - os alunos iam para o colégio nos dois horários: de manhã, com aula normal e à tarde era pra reforço dos conteúdos, que já era uma preparação para o exame de Admissão.

O Colégio Estadual Humberto Mendes foi organizado, desde seus anos iniciais, com uma estrutura pedagógica bem articulada: os primeiros profissionais docentes eram mestres que já tinham trabalhado no Colégio Pio XII, alguns até concluído seu curso superior, que era uma raridade naqueles tempos até na capital, outros trabalhavam no Serviço Público Federal, ou vinham de Maceió ministrar aulas no novo estabelecimento público. Enfim, o Colégio nasceu com um perfil profissional de “professores altamente gabaritados”, como mencionam muitos dos entrevistados que ali estudaram ou trabalharam. Assim, foram importantes para o sucesso inicial do Colégio Estadual Humberto Mendes, professores como Vanda Ramos (Geografia – posteriormente, docente da UFAL), Dr. Laércio (Matemática – engenheiro do DNOCS), Dr. Eraldo Vasconcelos (História Geral – Juiz da cidade), Pe. Odilon (Latim – inglês) Dr. Wilson Costa (Biologia – ainda hoje exercendo obstetrícia na cidade), Lêita Rego (Desenho Geométrico/Arte) Pe. José Araújo (Português), Maria Guerra (História), Milton Pitta, Maria Conceição, Amparo Neves, Sinvaldo Gama, Mons. Ferreira, Roberaldo Souza, entre outros.

Análise do percurso do Colégio Estadual Humberto Mendes

na Professora Ananete Macedo, que mantinha em sua casa um cursinho, para preparar os alunos para o exame de Admissão, uma referência procurada por quem podia pagar pelos seus serviços, em vista dos sucessos obtidos por quem ela preparava.

⁹Entrevista realizada com Maidê Brandão Araújo, em sua residência, em Palmeira dos Índios, em 12 de maio de 2010. Ela trabalhou no Colégio Pio XII, até o momento do seu casamento, pois a Congregação do Sagrado Coração não aceitava mulheres casadas como professoras no seu corpo docente.

No primeiro momento, o Colégio ficou sob a direção do Sr. Milton Ferreira Pitta¹⁰, que assumiu durante pouco tempo - apenas um ano - sendo substituído por Padre Odilon Amador¹¹, que era seu vice-diretor. O novo diretor assumiu o cargo a convite de Robson Mendes, permanecendo na direção de 1961 a 1966. Mesmo sendo diretor por indicação do principal político da cidade, segundo o próprio Padre Odilon, não havia interferência que viesse a inibir suas decisões administrativas e pedagógicas como diretor. Nesse clima, segundo ele, o corpo docente sempre demonstrou a firmeza e o compromisso do ensinar, sendo esse fato também unanimemente afirmado por ex-docentes e ex-discentes entrevistados sobre o Diretor, reafirmando-se inclusive sua completa autonomia no exercício da função.

Assim, seria pujante o início do funcionamento do Colégio Estadual Humberto Mendes até que ainda na gestão do Padre Odilon as dificuldades comessem a se antepor, com a carência de professores para cuja resolução o diretor buscava uma solução bem doméstica ao estilo dominante nas decisões políticas de então: traria professores do Colégio Pio XII para lecionar sem contratação nenhuma apenas pela amizade e a confiança de que receberiam seus pagamentos no final da tarefa. Mas nem tudo eram flores de modo que nos conta Padre Odilon sobre essa sua decisão:

Estes professores [substitutos] passaram algum tempo sem receber e eu fui à Secretaria de Educação tentar resolver [...] mas era sempre assim, esse descaso com a educação me fez deixar a direção, e também porque recebi o convite para assumir a Fundação de Assistência Cultural e Educacional de Palmeira dos Índios (FACEPI), pois eu dava minha palavra e os professores confiavam em mim, mas havia alguns entraves na Secretaria de Educação.

De qualquer modo, os primeiros anos de atividade do Humberto Mendes foram o começo de uma longa história social, política, econômica e, sobretudo educacional de grande regozijo para a sociedade palmeirense como é explicitado na fala da ex-aluna Divaci¹². Ela extravasa seu orgulho quando relembra que viu o início da construção e a imensa satisfação da maioria dos palmeirenses com a criação do Colégio, já que muitos jovens que até então

¹⁰ O Sr. Milton Ferreira Pitta era membro da justiça e irmão de Darci Pitta, Inspetor Federal de Ensino – que fiscalizava as escolas. Importa assinalar que a família Pitta era muito influente em Palmeira dos Índios, tendo o primeiro diretor sido escolha do Governo para tal função.

¹¹ Monsenhor Odilon Amador foi entrevistado no dia 27 de julho de 2010, em sua residência, na cidade de Palmeira dos Índios. Ele foi diretor do Humberto Mendes e também seu professor de Latim, Inglês e Religião.

¹² Entrevista realizada com a ex-aluna Divaci Ferreira Lima, em sua residência, em Palmeira dos Índios, em 29 de julho de 2010. Ela se considera fundadora do Colégio, até porque, além de aluna das primeiras turmas, foi a primeira adolescente a pisar no Colégio Estadual Humberto Mendes, após o corte da fita pelas autoridades da época, dentre os quais Muniz Falcão, Robson Mendes e Dr. Milton Pitta.

não podiam dar continuidade aos seus estudos, devido às condições financeiras ou porque trabalhavam no comércio, agora começavam a ter uma chance real de escolarização antes somente ao alcance dos que tinham recursos financeiros. O Colégio Estadual Humberto Mendes seria segundo ela a porta de entrada para estes jovens que estavam à margem dos níveis mais elevados da educação escolar e, portanto, de melhores empregos e posição social a partir desta época. Segundo ela e outros depoentes na condução da escola o rigor estava presente em todos os segmentos - administrativo, pedagógico e intelectual - principalmente na disciplina do estabelecimento motivo de orgulho dos pais e professores ouvidos.

Durante a gestão do Padre Odilon Amador, que iria até 1966, o colégio assistiria paulatinamente à ampliação de suas turmas, vindo a contar nesse último ano com 11 turmas, do curso Ginásial ao Científico, com um total de 452 estudantes de ambos os sexos¹³ mal completados seis anos de existência. Isso representava uma façanha para um tempo de tão poucos investimentos na educação do interior do Estado. À frente do Colégio, Padre Odilon Amador marcaria sua administração pelo compromisso, zelo e a responsabilidade na condução do Humberto Mendes, sendo isso segundo depoimentos a base necessária para a posição de destaque alcançada pelo Colégio Estadual Humberto Mendes no decorrer das décadas de 1960 e 1970, chegando a competir ainda na sua primeira década de existência, com as escolas da capital nos planos intelectual e esportivo, elevando assim o prestígio da sociedade palmeirense.

A disciplina, o respeito e a ênfase numa escolarização teórica com fortes aspectos práticos faziam parte do cotidiano educativo do colégio, sobretudo em áreas geralmente enfocadas quase que exclusivamente sob o aspecto discursivo e livresco.

Esta época é lembrada pelo ex- aluno Abel Cordeiro¹⁴, da seguinte forma:

Odilon era muito dinâmico, o colégio já dispunha de laboratório de Física, Química e Biologia, havia muito material para estudo [...] os nossos professores eram excelentes, dentre eles, Pe. Ludugero – ensinava Física, era um holandês rígido ao extremo, tinha um sotaque terrível, a escrita [...] nunca cortava o “T”, mas todos entendiam, teve uma educação muito rígida – ele passou isso pra gente. Foi muito bom ser aluno dele, o comportamento era diferente.

¹³ Dados fornecidos pela Secretaria do Colégio Estadual Humberto Mendes, em 14 de junho de 2010.

¹⁴ Entrevista realizada no dia 19 de junho de 2010, com o ex-aluno/diretor Abel Cordeiro de Souza, em sua residência, em Maceió. Ele foi aluno, professor e diretor do Colégio Estadual Humberto Mendes, hoje trabalha em Maceió como professor de Espanhol da SEMED e também como tradutor/intérprete, com trabalhos internacionais - viajando o mundo com empresários – tem o domínio de Inglês, Espanhol e Francês.

Também é citado em depoimento do ex-aluno Audálio Ferreira¹⁵ o Professor Chico Potiguar¹⁶, o mestre da Matemática. E o próprio Potiguar¹⁷, por nós entrevistado, revela:

O Colégio Estadual era o melhor do Estado, seus professores muito dedicados, apesar de não ter naquela época exigência de diploma do curso superior [para ser professor], tinham muitas pessoas só com o curso médio e faziam muito bem o trabalho, junto com o diretor. [...] os professores faziam um trabalho livre e tinham ótimos resultados, tanto assim que muitos saíam direto para o vestibular e eram aprovados... não havia essa proibição, essa pressão muito forte para não se reprovar. Com os professores exigentes havia maior dedicação e interesse do aluno.

O orgulho dos estudantes deste primeiro momento parece muito grande, segundo se deduz das falas dos ex-alunos. Afinal, estavam ali muitos jovens que não teriam oportunidade de prosseguir na vida escolar se não existisse aquela escola pública e gratuita. Com o passar do tempo o destaque educacional do Humberto Mendes foi se ampliando e os filhos dos “abastados” palmeirenses aos poucos foram também ingressando no colégio público.

Em 1963, ano que marcou a vida de muitos jovens palmeirenses, teve destaque o estudante José Syneide¹⁸ (*in memoriam*), que foi transferido do Colégio Pio XII para o Humberto Mendes, sendo logo indicado para concorrer à eleição para o diretório estudantil, tendo como adversário Amauri Soares. Seu maior objetivo era adquirir instrumentos para formar a banda do colégio, pois “os colégios da cidade desfilavam no 7 de Setembro e o Humberto Mendes ainda não”.

Tendo conseguido formar a banda os alunos estavam todos prontos para a grande festa. A tão sonhada banda musical apresenta-se à sociedade palmeirense pela primeira vez, todos impecáveis em alinhamento e uniforme, com uma grande expectativa do público. Para todo este espetáculo os estudantes contaram com o apoio da direção, que sempre esteve

¹⁵ Entrevista online realizada com o ex-aluno Audálio Ferreira Sobrinho, no dia 29 de julho de 2010. Ele tem Mestrado em Direito, atuando como Advogado, Professor Universitário de Direito Constitucional e Coronel (R/1) do Exército.

¹⁶ O Mestre Francisco Vieira Barros, conhecido como Chico Potiguar (atualmente Professor de Matemática da UFAL), foi, segundo o ex-aluno Audálio Ferreira, excelente professor de matemática do Humberto Mendes, tendo educado muitas gerações, dentre as quais alguns estudantes se tornaram engenheiros, matemáticos por sua causa. “Quem estudou com Chico não esquece. Nunca chamou ninguém pelo número. No segundo dia de aula já sabia o nome de todos os alunos, isso era fabuloso”, segundo a ex-aluna Valdevez Nascimento. Para o ex-diretor José Correia, “quem não aprendeu Matemática com o Chico, não aprende mais com ninguém, não que seja o melhor do mundo, mas só com a arrumação que ele faz no quadro, se aprende, Chico é maravilhoso”. Natural do Rio Grande do Norte, Francisco Vieira Barros, professor de Matemática, recebeu o apelido por razões óbvias. Com a expansão da UFAL, migrou do Humberto Mendes para a Universidade, onde permanece.

¹⁷ Entrevista realizada com Chico Potiguar no dia 04 de outubro de 2010, em sua sala, no curso de Matemática - UFAL.

¹⁸ Entrevista cedida no dia 22 de junho de 2010, em sua residência em Palmeira dos Índios. Ele foi aluno da 1ª turma concluinte, matriculado em 1963, sendo também o responsável pela formação da Banda Marcial do Colégio.

presente e integrada em tudo o que acontecia no Colégio. Era um momento de grande entusiasmo dos discentes da escola pública estadual, vistos por grande parte da sociedade local de forma diferente, já que integravam a classe menos abastada de uma sociedade que dispunha de dois colégios confessionais para a elite. Ali estavam participando do desfile do 7 de Setembro, juntamente com as escolas particulares que eram os destaque da cidade.

De regresso ao cotidiano mais especificamente escolar – do interior da sala de aula, queremos dizer - o marco nas diversas conversas com os entrevistados foi mais uma vez a disciplina como ponto de referência desta e de outras épocas. Ainda segundo José Syneide, os professores ministravam suas aulas com muita vivacidade, eram entendidos por todos. Quando algo de errado acontecia o diretor chamava ao gabinete e aconselhava nada de agressão verbal. Como também era destaque da época a recepção do professor: todos os alunos estavam na sala esperando-o e alguns eram recebidos de pé, seguindo a maioria das aulas o método tradicional, com um bom resultado na aprendizagem segundo revela Abel Cordeiro.

Os Professores eram exemplos de vida: mesmo muito rígidos ensinavam os conteúdos e cobravam-nos nos mínimos detalhes. A rigidez mantinha o compromisso com resultados desejados. Mas nem por isso o esporte era desprezado. Os jogos juntamente com os desfiles cívicos eram uma forte marca de rivalidade entre as escolas. Na modalidade de futsal entre Colégio Estadual Humberto Mendes e o Colégio Pio XII, por exemplo, ainda que os conflitos fossem verbais os alunos defendiam intensamente o Colégio Estadual.

No contexto administrativo o Padre Odilon foi diretor coerente, agindo sempre com diplomacia, nunca gritando com ninguém, conduzindo a escola de forma tranquila, ainda que severa. Não existia assessor da direção e o diretor contava com o apoio da Secretaria que naquele momento estava sob a responsabilidade de Cecília Branco, que assumia a parte burocrática do colégio. A ex-aluna Graça¹⁹ lembra-se de fatos importantes do dia-a-dia escolar como o do registro da frequência: havia uma cadernetinha individual de acompanhamento que era deixada na Secretaria logo na chegada, na qual era colocado um carimbo de presença:

No final da aula a gente pegava, constavam também as notas e o comportamento. Essa carteirinha de notas era um meio pelo qual os pais acompanhavam o desenvolvimento dos filhos no colégio: comportamento, frequência e nota.

¹⁹ Entrevista realizada com a ex-aluna Graça Barbosa, em sua residência, em Palmeira dos Índios, dia 22 de julho de 2010.

Segundo Padre Odilon Amador, “fazíamos tudo pela ascensão do colégio - mesmo com muita dificuldade, conseguimos fazer um trabalho importante para a sociedade palmeirense”, sendo essa fala reforçada pelo escritor Ivan Barros²⁰ ao afirmar: “Odilon foi um dos grandes diretores daquele colégio”. Sobre seu trabalho a ex-aluna Graça diz que “era muito rígido, vez por outra ele estava passando pelas janelas, observando tudo [...] foi um tempo muito bom”.

A força de gerir o colégio foi provada no Golpe Militar, quando várias pessoas foram presas na cidade. Segundo Melo (2001, p.45), “o Padre Odilon, de forma enérgica, não admitiu que nenhum professor ou aluno fosse perseguido ou mesmo expulso por sua posição política, afirmando que no colégio existiam jovens idealistas, mas que não eram subversivos”.

Para enriquecer o contexto em que se desenvolveu o ensino na gestão do Padre Odilon, foi entrevistado o professor Monsenhor José Araujo²¹, que relatou o período em que ministrou Português no Colégio Estadual. Ele ressaltou em sua fala a importância que era dada ao professor:

Naquele tempo – até com um pouco de exagero – havia uma espécie de reverência aos professores, muita consideração, é claro que numa turma mais expansiva, e quando notavam que o professor estava sem firmeza no que ensinava, eles também levavam na crítica²², mas sempre me senti respeitado e considerado pelos alunos.

Por ter exercido o magistério durante 25 anos no Colégio Estadual, Monsenhor Araújo, em seu depoimento falou-nos do perfil dos discentes, dizendo sobre os novos diretores sob cuja coordenação trabalhou, que “cada um que chegava tinha seu jeito, muitas vezes deixaram a disciplina relaxar tendo refletido na rotina dos alunos”. Com essa flexibilidade, segundo ele foi se ampliando a liberdade do alunado, a ponto de entrarem e saírem na hora que desejassem. Ele enfatiza a temática dizendo:

É preciso manter punho forte, no bom sentido, para manter a disciplina; quanto a mim e outros colegas nunca encontramos dificuldades, às vezes alguns alunos ficavam insatisfeitos com a minha postura, mas, no fim tudo dava certo. Conversou, chamava atenção e até suspendia da aula, mas depois vinham me pedir desculpas e não repetiam, a direção era comunicada e concordava com a decisão [...] no tempo de Pe. Odilon, José Correia, Ciriaco, havia boa disciplina.

²⁰ Entrevista realizada com o Dr. Ivan Barros, no dia 26 de julho de 2010, em sua residência, na cidade de Palmeira dos Índios. Ele é escritor, advogado e dono do jornal “A Tribuna do Sertão”.

²¹ Entrevista cedida no dia 28 de junho de 2010.

²² Fato curioso relatado pelo entrevistado: um professor de matemática escrevia o resultado dos problemas na mão. Uma vez, um estudante fez uma pergunta para testá-lo, e, tendo ele ficado tateando, o aluno disse: “Olhe na mão”.

Segundo o discurso prevalente entre ex-docentes e discentes, a disciplina é constantemente enfatizada como base para o bom desenvolvimento das atividades escolares, assim como a presença constante do diretor Padre Odilon que observava tudo e conduzia na medida do possível até fora do estabelecimento de ensino a forma de se comportar dos estudantes. Segundo a ex-aluna Graça²³:

O zelo que Pe. Odilon tinha pelo Colégio ultrapassava o muro, observava principalmente as meninas nas calçadas e quando via uma com um comportamento diferente dizia ‘moça sem brio’... Algumas vezes no final da tarde ia ao Cine São Luiz – cinema da cidade – ver se tinha alguma aluna com a farda de Educação Física no cinema.

Dr. Ivan Barros, falando sobre o período, afirma que “o colégio formou personalidades que se projetaram no Estado de Alagoas, em todos os campos do saber”. Nesse sentido, segundo os depoimentos dos ex-alunos José Syneide e Abel Cordeiro, o Colégio Estadual Humberto Mendes era visto pela sociedade palmeirense da época como uma academia de intelectuais:

Estudar lá era privilégio, vinham alunos de toda região para estudar no colégio. Os mestres promoviam a vida da gente, davam muitos conselhos, falavam sobre suas experiências de vida. Havia uma excelente relação entre professor e aluno, porém cada um em seu patamar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos que conduziram a este trabalho mostram-nos na historiografia educacional de Palmeira dos Índios a relevância assumida pelo Colégio Estadual Humberto Mendes, sobretudo em referência à implantação desta tão desejada escola pública estadual e seus primórdios, ainda que, paradoxalmente suas bases tenham sido traçadas sob a égide das relações interpessoais e dos acordos políticos. De fato, o Colégio nos seus primórdios trilhou caminhos de ascensão com a dedicação do corpo docente e o interesse dos discentes como se pode concluir dos relatos de vida de quem por este espaço estudou e trabalhou.

Dessa forma, se estruturou uma escola que obteve respaldo em todo o Estado de Alagoas, competindo com as escolas da capital e tendo seus discentes aprovados em vestibulares do Estado e fora dele. É de se atentar para o foco dado pelos informantes desta pesquisa aos grandes anseios dos jovens integrantes do referido colégio e o seu sucesso no

²³ A fala de Graça é confirmada por Pedro Olímpio de Oliveira, seu esposo, que contribuiu com algumas informações da época, já que fora também ex-aluno do Colégio Estadual Humberto Mendes.

que tange ao progresso profissional e pessoal. As bases para tal conquista consideradas arcaicas nos tempos de hoje precisariam ser mais bem avaliadas, em vista do conjunto de meios e estilos pedagógico e administrativo que parecem ter sido estruturadores do sucesso inicial deste colégio e sobre o qual consideramos apenas o lapso de uma gestão relativamente curta, a qual foi em última instância produto de indicação de políticos.

É verdade que o Colégio Estadual Humberto Mendes teve grande contribuição na mudança do cenário educacional de Palmeira dos Índios nos anos de 1960. O grande enigma a ser estudado talvez seja entender o sucesso daquela época, sob as condições aqui apresentadas em confronto com os tempos atuais, que estão permeados pela chamada “gestão democrática” e protagonizados por profissionais da escola.

REFERÊNCIAS

AMADO, J; FERREIRA, M. de M. **Usos e Abusos da História Oral**. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

BARROS, I. B. de. **Abrindo a janela do tempo: memória e história**. Editora Graciliano Ramos, 2006.

MELO, J. R. B. **A ação política e a expansão da escola secundária em Alagoas: o caso do Colégio Estadual Humberto Mendes**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB, 2001.

RAMOS, G. **Viventes das Alagoas: quadros e costumes do nordeste**. 6. ed. Rio, São Paulo, Record, Martins, 1976.

TENÓRIO, D. A. **Metamorfose das oligarquias**. Curitiba: HD Livros, 1997.

_____. **A tragédia do populismo: o impeachment de Muniz Falcão**. 2. ed. Maceió: EDUFAL, 2007.